

ARQUÍLOCO E OS VALORES TRADICIONAIS DA NOBREZA

Prof. Marcos André Menezes dos Santos (PUC -RJ)

RESUMO:

Neste nosso artigo, procuraremos tratar da relação que tinha o poeta arcaico Arquíloco, da Grécia do século VII a. C., com os valores tradicionais de nobreza da sua época, valores esses os quais foram representados pela epopéia homérica. Desse modo, veremos que Arquíloco opor-se-á a valores tais como o ideal da *bela morte* e o ideal da concepção cavalheiresca, por exemplo. Bastardo, Arquíloco foi o mais ilustre representante da poesia iâmbica.

Palavras-chave: 1. Grécia. 2. Poesia Arcaica. 3. Arquíloco.

Arquíloco de Paros, do século VII a. C., “vivia na época das grandes colonizações, num período que não deixava incontestadas a posição e os conceitos de classe da nobreza” (LESKY, 1995: 136). Estando ele situado nessa época, vemo-lo, no entanto, numa certa oposição aos valores tradicionais dessa mesma nobreza. E ao que se deveria essa oposição de Arquíloco? Tudo indica que se deve à sua origem.

Arquíloco não era um *áristos*, não pertencia à aristocracia. Na verdade, ele era bastardo. Filho de certo Telésicles, e, como nos é relato pelo próprio Arquíloco, segundo Lesky (LESKY, 1995: 136), sua mãe foi uma escrava chamada Enipo.

Sendo soldado, a luta era um dos elementos mais presentes em Arquíloco e ele travava essa luta não só com a lança e o escudo, mas também com os versos. Nós podemos ver que o próprio Arquíloco se apresenta como aquele sobre o qual se dá essa simbiose, pois ao mesmo tempo em que é soldado, é também conhecedor do dom amável das musas, como ele próprio nos relata no fragmento 1:

*”Servidor eu sou do poderoso Eniálio
E do amável dom das Musas conhecedor”* (MARTINS, 2010: 6)

Com efeito, muitas das coisas consideradas pela nobreza como sendo inamovíveis, Arquíloco via que careciam de significado, por isso se opunha a elas. Assim, vemos que ele tem prazer de desvalorizar essas concepções tradicionais em muitos dos seus versos.

Nesse sentido, um dos valores tradicionais que não era compartilhado por Arquíloco é o ideal da *bela morte*. A bela morte, apresentada na epopeia homérica, *Íliada*, consistia no ter uma morte gloriosa, *eukleès thánatos*. Conforme Pierre Vernant, a bela morte, *Kalós thánatos*, “eleva o guerreiro desaparecido ao estado de glória por toda a duração dos tempos vindouros.” (VERNANT, 1996/1997: 32) E, desse modo, a bela morte fazia parte do ideal heróico uma vez que os guerreiros consideravam que abraçando se ultrapassava a morte, tornando-se imortal, *athánatos*, como também consideravam que abraçando se ultrapassava a velhice, adquirindo a juventude definitiva, *agéraos*. Isso, conforme Vernant, está expresso nas palavras que Sarpedon dirige a Aquiles na *Íliada*: “Se o escapar esta guerra nos permitisse viver a seguir eternamente, abrigados da velhice e da morte, não seria por certo eu quem combateria na primeira linha nem quem te enviaria para a batalha em que o homem adquire a glória... Mas, como nenhum mortal pode escapar do traspasso, avante, demos glória um ao outro ou que ele no-la dê. (...) Ultrapassa-se a morte acolhendo-a em vez de a sofrer.” (VERNANT, 1996/1997: 40)

Como nos diz ainda Pierre Vernant, “numa cultura como a da Grécia arcaica, em que cada um existe em função de outrem, sob o olhar e pelos olhos de outrem, em que as posições de uma pessoa são tanto melhor estabelecidas quanto mais longe se estende sua reputação, a verdadeira morte é o esquecimento, o silêncio, a obscura indignidade, a ausência de fama. Ao contrário, existir é – esteja-se vivo ou morto – ser reconhecido, estimado, honrado; é sobretudo ser glorificado” (VERNANT, 1996/1997: 41). É estar na memória coletiva de um povo, como também tornar-se digno de ser cantado por um *aédos*.

Nesse sentido, Arquíloco se opõe a todo esse ideal guerreiro de bela morte. Conforme Lesky, “Arquíloco verifica, com sobriedade, que ninguém conquista honras depois da morte e que o favor é próprio dos vivos” (LESKY, 1995: 137). Essa oposição ao ideal de bela morte, de certa forma, é expressa com alguns versos do fragmento 13:

*“Mas os deuses aos males incuráveis, amigo,
Aplicaram como remédio a firme resignação.”* (MARTINS, 2010: 6)

Um dos outros valores tradicionais contra o qual Arquíloco se opunha é o ideal da concepção cavaleiresca, das lutas travadas até a morte em defesa das suas cidades. Contra esse ideal, Arquíloco vai ser “capaz de proclamar a necessidade de salvar a vida, ainda que para isso tenha de deixar ficar o escudo” (PEREIRA, 2001: 211). Ele expressa bem esse seu ponto de vista no fragmento 5:

*“Vangloria-se um Saio com meu escudo, arma primorosa,
que, numa moita, abandonei, a contragosto.
Salvei-me. Que me importa esse escudo?
Que ele suma! Logo terei outro melhor.”* (MARTINS, 2010: 6)

Diante disso, Lesky nos aponta que se expressando dessa forma, Arquíloco fala com o maior cinismo da perda do seu próprio escudo. “Isto tinha-lhe sucedido na luta contra os Saios, portanto nas lutas travadas em defesa da pouco amada Trassos, contra as tribos trácias da costa vizinha” (LESKY, 1995: 137). Com efeito, abandonar um escudo em plena guerra era, de certa forma, cometer um ato grave, pois, como nos diz Lesky, “‘o que deita fora o escudo’ era um insulto muito grave, e diz-se que as espartanas despediam os filhos que partiam para a guerra com as palavras pouco maternais: ‘com ele ou sobre ele’. Também em Esparta se censurou acremente o poeta que se sentia feliz por ter salvado a vida por este preço.” (LESKY, 1995: 137)

Arquíloco ainda ridiculariza outros caracteres tradicionais, como por exemplo, o fato de os oficiais se exibirem de forma ostentosa. E, desse modo, Arquíloco “prefere um general belo a um homem feio, desde que seja firme e ativo.” (PEREIRA, 2001: 211). “Prefere o homenzinho atarracado e de pernas tortas que demonstra ter valor” (LESKY, 1995: 137). Porém, como nos diz ainda Lesky, “dificilmente teria escrito isto um poeta cujo aspecto exterior correspondesse ao ideal de que fazia troça” (LESKY, 1995: 137).

Diante de tudo isso, Lesky nos relata que “Crítias, o jovem aristocrata radical, indignava-se com a naturalidade com que Arquíloco falava de coisas que a mentalidade aristocrática julgava escandalosa” (LESKY, 1995: 137). E essa naturalidade no falar de Arquíloco expressa-se no ritmo métrico por ele utilizado, o iambo (˘). Tal ritmo “estava muito próximo do ritmo da linguagem falada e prestava-se especialmente a traduzir atitudes simples e naturais” (PEREIRA, 2001: 210). É um ritmo marcado por uma linguagem mais vulgar.

Outrossim, como nos relata Lesky, mesmo sendo condenado pelos representantes do pensamento aristocrático, como um Heráclito, um Píndaro e o próprio Crítias, Arquíloco não teve a sua glória diminuída em relação aos olhos da posteridade, mas ele esteve muito presente nos séculos subsequentes quer seja por um monumento erigido em sua honra, quer sejam por achados de suas inscrições ou de uma “lenda encantadora de como o poeta recebe das Musas a sua vocação e os seus dotes” (LESKY, 1995: 139).

E essa sua permanência para a posteridade com certeza se deve muito aos seus versos. Como nos diz Lesky, “à riqueza de conteúdo e de tonalidade desta poesia corresponde a da forma. Arquíloco gosta de assestar os seus golpes em trímetros jâmbicos e tetrâmetros trocaicos. Além disso, compôs elegias, uniu elementos de diferente ritmo, com que formou versos longos *assinartetos*, e criou pequenas estrofes em que um verso mais ou menos longo é seguido dum mais breve do mesmo ritmo ou de ritmo diferente; chamamos-lhes epodos. Ocasionalmente, o vocabulário contém elementos homéricos, sobretudo nas elegias, mas a sua linguagem segue sempre um curso tão seguro como natural, e nunca se percebe que o poeta submeteu a leis muito estritas os metros que, como o iambo, ele tomou da tradição popular.” (LESKY, 1995: 139-140)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LESKY, Albin. *História da Literatura Grega*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 1995.
- MARTINS, Paulo (org.) *Antologia de Poetas Gregos e Latinos*. 2010. Disponível em http://www.usp.br/iac/Textos/apl_2010.pdf.
- PEREIRA, M. H. R., *História da Cultura Clássica I*. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa, 2001.
- VERNANT, J. Pierre. *A bela morte e o cajado ultrajado*. In: Revista Discurso. São Paulo, nº 9, 1996/1997, p. 31-62.